

Presenças, anúncios e silêncios: registros fotográficos de um lugar chamado Gruppelli

Margareth Acosta Vieira

Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora da Universidade Federal de Pelotas. Autora do artigo "Retratos emoldurados, lembranças expostas: monumentos da paisagem doméstica". *Travessias*, v. 1, 2007.

RESUMO

Esta escrita é um exercício de reconstrução da trajetória de um lugar chamado Gruppelli, situado no 7º Distrito de Pelotas – RS. Através de um conjunto de três registros fotográficos das primeiras décadas do século XX, foi possível perceber as transformações ocorridas em dois prédios da família Gruppelli nesse período. A presença ou a ausência de elementos em cena conduziram à identificação dessas mudanças. Trata-se de uma leitura que, partindo do presente, e valendo-se das idéias de Philippe Dubois (2007), procurou identificar tanto um tempo histórico, conforme proposto por Philippe Ariès (1989), como as mudanças e permanências nesse lugar, que segundo Marc Augé (1994), se caracteriza por antropológico. Imagens essas que, ao serem esquadrihadas, revelaram a própria expressão do lugar nesse contexto colonial.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; memória; lugar.

ABSTRACT

This writing is an exercise in reconstructing the history of a place called Gruppelli, located in the 7th District of Pelotas – RS. Through a series of photographic records of the first three decades of the twentieth century, it was possible to notice the changes in two buildings of Gruppelli's family that time. The presence or absence of evidence on the scene led to identification of these changes. This is a reading that from the present, and drawing up the ideas of Philippe Dubois (2007), sought to identify both a historical time, as proposed by Philippe Ariès (1989) as the changes and stay in place, which according Marc Augé (1994), is characterized by anthropological. These images, when searched, revealed the very expression of the place on this colonial context.

KEYWORDS: photography; memory; place.

Presenças, anúncios e silêncios: registros fotográficos de um lugar chamado Gruppelli

Do presente ao passado

A fotografia não fala, mas pode comunicar uma mensagem. Trata-se de uma mensagem expressiva, impregnada de subjetividade, impressa a luz e repleta de códigos visuais e simbólicos. Uma forma de representação que expõe, através de seus elementos visuais, dados ou informações capazes de proporcionar ao observador um conteúdo significativo. A compreensão dessa mensagem depende, evidentemente, do repertório do leitor: capacidade de percepção/conhecimento do universo exposto. Trata-se, portanto, de um poder de comunicação relativizado pelo receptor mais que o próprio conteúdo impresso.

Assim, quem olha uma fotografia antiga de uma pessoa íntima ou de um lugar conhecido é capaz de “ver” na imagem, índices que o tempo desfez ou alterou, além de perceber ausências que o tempo, além da imagem, não chegou a impor. Uma comparação, quase sempre inevitável, surgida entre presente (o ver) e passado (da imagem) que, resultando em uma espécie de contraponto, visa identificar as diferenças entre temporalidades e, ao mesmo tempo, traçar, de algum modo, o caminho inverso a partir dos dados presentes e/ou ausentes na imagem. Dados esses que acabam se impondo ao leitor/observador como possíveis

rastros na reconstrução da trajetória da pessoa retratada ou do contexto envolvido.

Essa forma de comunicação entre imagem fotográfica e leitor é decorrente de dois condicionantes: de um lado, a competência da fotografia de apresentar-se como referencial imagético de uma existência física, de outro, a capacidade do leitor de identificar e interpretar esse referencial exposto. Duas questões que para Philippe Dubois (2007, p.25) são significativas não apenas do fotográfico, mas de outros meios, assim enfatizadas

Toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio.

Dessa forma, a significação das mensagens-visuais na fotografia fica condicionada ao domínio dos códigos de leitura: ver, observar o que está impresso e ler, entender o que se apresenta. Um condicionamento que para Alan Sekulla, (*apud*, Dubois, 2007, p.42) faz com que “o dispositivo fotográfico” seja “de fato um dispositivo *codificado culturalmente*”.

Investigar mudanças ou constatar a existência de permanências através de imagens é, certamente, uma busca de caráter histórico¹, que permite abordar o passado a partir do presente e estabelecer os laços entre

¹ Como a proposta da Nova História, concebida sob a influência das Ciências Sociais pelo grupo *Annales*, formado em 1929 na França.

o tempo passado (representado nas imagens) e o tempo real (oportunizado pela leitura). Tal como um diálogo entre temporalidades que segundo Ariès² (1989, p.237), possibilita que o tempo histórico percebido venha a se constituir em uma explicação da diferença. Ou seja: "A história mostra-se então como a resposta a uma *surpresa*" e cabe ao leitor, em primeiro lugar, a possibilidade de se espantar, de tomar consciência "das anomalias tais como as percebe na sucessão dos fenômenos".

Para que esse tempo histórico venha a se constituir em resposta é necessário, antes de tudo, que algo, como uma fotografia, tenha provocado a busca. Em segundo lugar, a resposta será constituída de sentido apenas para aqueles que forem capazes de decifrá-la, ou seja: os leitores que têm acesso aos códigos formais e simbólicos existentes na mensagem. Em se tratando de fotografia, a identificação de um tempo histórico surge a partir da temporalidade exposta pela imagem fotográfica, que sempre é conduzida pelo próprio observador.

O cenário fotográfico

Um lugar que desde o início do século XX é referência de uma localidade, intermediando produtos e pessoas, ampliando serviços e atribuições, sendo palco de atividades e cenário para fotografias possui, certamente, uma história construída por presenças e anúncios, mas também intermediada por silêncios. Uma trajetória que a fotografia desse lugar chamado Gruppelli³ pode apontar.

Arcádio Gruppelli, um imigrante italiano, ao adquirir, em 1905, terras na Colônia

Municipal dava início, juntamente com a família, a uma série de empreendimentos agrícolas e comerciais que não apenas prosperaram como propiciaram a incorporação de atividades administrativas e de lazer que envolvia, desde os primeiros tempos, os moradores das proximidades. Um entrosamento com a comunidade que fez do armazém e restaurante para viajantes, inaugurados na década de 1920, um "ponto de encontro" de imigrantes italianos e alemães. Uma característica que ainda hoje se mantém. Trata-se, portanto, de um lugar que, de acordo com Marc Augé (1994, p.53), pode ser considerado como histórico ao contemplar tanto a conjugação de "identidade e relação" como a de "estabilidade mínima". Uma estabilidade que, sendo mantida há décadas, não apenas admite a existência de registros imagéticos de diferentes períodos, como possibilita a formação de seqüências temporais onde, as singularidades se apresentam tanto como diferenciação para quem as observa como reafirmação identitária para os que habitam o lugar. Simultaneidade que Augé (1994, p.51) aponta como intrínseca ao lugar, e sendo definido como antropológico, por constituir "princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa".

Dos diversos empreendimentos desenvolvidos pela família Gruppelli ao longo do tempo resultaram algumas construções espalhadas pela propriedade. Desses prédios apenas dois foram conservados e mantêm atividades: 1) O prédio principal, composto pelo armazém, restaurante e residência da família; 2) O sobrado, originalmente

² Philippe Ariès (1914-1984), historiador da *Nouvelle Histoire*.

³ O nome Gruppelli consta desde 1911, em mapas do município de Pelotas-RS, como um ponto de referência na zona rural.

destinado para hospedaria e adega que, desde 1998, abriga um pequeno museu etnográfico. Dois prédios que por serem testemunhos do passado e partícipes de vivências da localidade surgem como cenário de múltiplos eventos documentados a partir da década de 1920, por fotógrafos amadores e profissionais.

Este texto pode ser considerado como uma tentativa de compreensão dos elementos expostos pelas fotografias em que algum desses prédios, ou os dois, integram a composição. De outra forma, pode ser entendido como uma verificação da competência/contribuição dessas imagens na reconstrução da trajetória do lugar e do aprendizado do próprio leitor/pesquisador frente aos códigos de leitura inseridos no conjunto de realidades representadas imagetivamente. Uma postura que, seguindo os passos de Dubois (2007, p.60), se propõe a compreender o fotográfico, como “uma verdadeira categoria de pensamento, absolutamente singular e que introduz a uma relação específica com os signos, o tempo, o espaço, o real, o sujeito, o ser e o fazer”. Uma

compreensão, portanto, que visa abranger do conjunto de dados a relação da fotografia tanto com sua situação referencial, o lugar, como a da recepção: “o gesto de olhar sobre o objeto: momento da retomada – da surpresa ou do equívoco” (DUBOIS, 2007, p.66).

As imagens selecionadas se encontram ordenadas numa suposta cronologia baseada em: a) anotações existentes no verso das imagens; b) estimativas de inserção no tempo propostas pelo autor.

Como sempre se observa uma fotografia antiga a partir do presente, tendo em mente a imagem atual do objeto enfocado, é a partir desse diálogo entre o que há e o que foi que a imagem é, usualmente, esquadrinhada. Trata-se, portanto, de uma eleição que tem por base o sentido pragmático da fotografia. Por isso apresento, primeiramente, o presente, para depois, retomarmos o passado. As figuras 1 e 2, a seguir, são exemplares da situação atual dos dois prédios da família Gruppelli mencionados anteriormente. São imagens que servem tanto como referência do estado de conservação como da forma de utilização dos prédios.



Figura 1. Prédio 1. Armazém e Restaurante Gruppelli, vista frontal, nov. 2007. Colônia Municipal, 7º Distrito, Pelotas – RS. Foto Margareth Vieira



Figura 2. Museu Gruppelli, vista frontal / lateral sul, abril 2008. Colônia Municipal, 7º Distrito, Pelotas – RS. Foto Margareth Vieira

As imagens do Lugar

A fotografia sendo um corte espaço-temporal mostra apenas o que se encontrava presente diante da câmara no instante do corte, não incluindo nada além. Mas, mesmo sendo como uma fatia congelada, de tempo e espaço, pode informar tanto sobre o que lá estava no instante captado como revelar o que não se fazia presente. Essa relação inclusão/exclusão ou dentro/fora do campo fotográfico decorre de um atributo "que faz com que toda fotografia se leia como portadora de uma "presença virtual", como ligada consubstancialmente a algo que não está ali, sob nossos olhos, que foi afastado, mas que se assinala ali *como excluído*" (DUBOIS, 2007, p.179).

Foto 3: O que mostra, o que revela

Assim, ao observar a imagem de 1928 que apresenta uma visão integral da fachada oeste do prédio principal se constata o que havia e como se apresentava a construção, o mobiliário, os objetos e os personagens. Todos esses signos impressos ao remeter ao que havia podem propiciar também, por presença ou ausência, algum tipo de revelação de "espaços suplementares, mais ou menos escondidos ou mostrados" (DUBOIS, 2007,

p.188) induzida pelo aprisionamento do ato fotográfico, ou seja, ao observarmos a imagem podemos identificar elementos secundários que ajudam a compor o cenário e foram pouco privilegiados pelo ângulo fotográfico.

Este registro de 1928 permite constatar que o sobrado, distante 5 metros da fachada sul, ainda não havia sido construído. Isso é denunciado pela ausência de sombra projetada no chão da lateral sul, onde está a charrete. Esta constatação decorre por analogia com base na inclinação da sombra projetada no prédio principal pelo seu próprio beiral. Neste caso a incidência da luz solar no chão excluiu a possibilidade de um anteparo, disposto entre a fonte (sol) e o prédio principal, capaz de projetar sombra neste local. Essa luz, ao evidenciar na composição um formato ocupando uma porção no espaço representado, apontou, por eliminação, a possibilidade de existência de um prédio de dois andares contíguo ao espaço referencial.

Esta interpretação da imagem, sugerida pela luz do passado é, sem dúvida, um leitura do presente sobre o passado, do tempo histórico que responde: Não, não havia em 1928 o sobrado, mas existiam outras construções nas proximidades: uma, ao fundo (lateral direita), outra, a leste (lateral esquerda), ambas demolidas.



Figura 3. Casa Comercial Gruppelli, (9cm x 14cm), 1928. Colônia Municipal, 7º Distrito. Acervo Museu Gruppelli.

Foto 4: Uma apresentação, algumas sugestões: um evento político?

A fotografia, ao figurar como índice de uma realidade atua também como testemunha da existência dessa realidade situada em determinado instante e lugar. Um tipo de prova que, conforme indica Dubois (2007, p.52), "atesta a existência (mas não o sentido) de uma realidade". Trata-se de algo (o sentido) que por exigir interpretação e, conseqüentemente, dependência de recepção, tende a se alterar com a própria passagem do tempo. Assim o que poderia ser a evidência de uma realidade captada, para os contemporâneos de uma fotografia das primeiras décadas do século XX, pode se configurar, décadas depois, em meras suposições, que não deixam de ser: conseqüências diretas de constantes e progressivas mutações introdutórias de novos conteúdos que afetam a percepção da sociedade e de seus integrantes.

A foto 4, diferentemente da anterior onde a presença humana é reduzida, apresenta uma expressiva reunião de pessoas, sendo a maioria do sexo masculino. As mulheres que

aparecem na fotografia, além de minoria estão concentradas em área distante do centro (lateral direita) ocupando uma posição, nitidamente, secundária na composição da cena. Esta imagem também se destaca não apenas pelas dimensões (27,5cm x 33cm) avantajadas e a forma de apresentação, em suporte rígido, debruado, como também pela assinatura do fotógrafo, em marca d'água, no canto inferior direito: L.Lanzetta. Considerando essas questões de ordem técnica / econômica, somadas ao conteúdo exposto, pode-se julgar que esta imagem foi produzida como documento visual de um relevante evento. Um julgamento que considerou também o que Mauad (1996, p.7-8) enfatiza sobre o controle dos meios técnicos de produção cultural que envolve

tanto aquele que detém o meio quanto o grupo ao qual ele serve, caso seja um fotógrafo profissional. Nesse sentido, não seria exagero afirmar que o controle dos meios técnicos de produção cultural, até por volta da década de 50, foi privilégio da classe dominante ou frações desta.

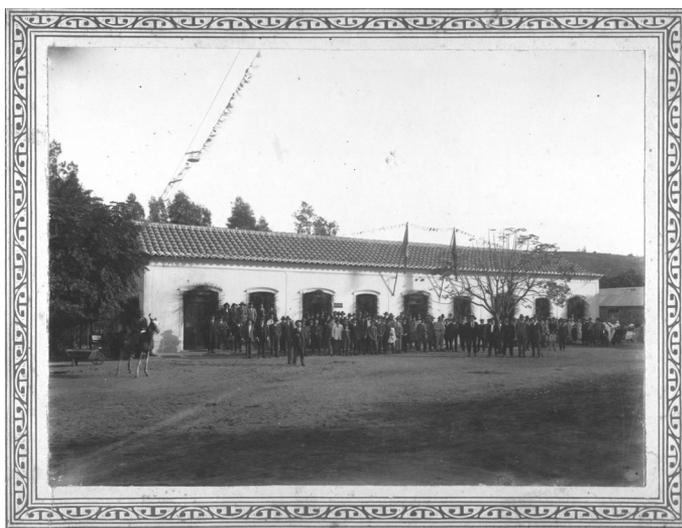


Figura 4. Um evento, (27,5cm x 33cm),192_. Colônia Municipal, 7º Distrito. Foto L.Lanzetta. Acervo Rubens Bachini

Esta fotografia mesmo sendo produzida para documentar um evento em que muitas pessoas se interessaram em participar (naquele dia, naquele local, daquela atividade) e se posicionaram, diante daquele fotógrafo profissional, conforme o seu *status quo* naquele contexto colonial, pouco pode informar sobre essa realidade registrada. Seria este evento um encontro de algum partido político? Uma comemoração de conquista em urna? Ou apenas alguma prática social marcadamente masculina em que as mulheres apenas acompanhavam, de longe, seus parceiros? Sobram perguntas que a fotografia, silenciosa, não pode responder, mas valendo-se de sua condição índice de uma realidade, pode revelar:

- a) que uma pequena multidão elegeu (ou permitiu), nas primeiras décadas do século XX, que a fachada do prédio da família Gruppelli constasse como cenário ou palco em documento visual de uma comemoração efetivada pela comunidade colonial.
- b) que a importância do evento requeria (ou justificava) a contratação de serviços (qualidade e status) de um fotógrafo profissional atuante na cidade de Pelotas, distante 50 km, aproximadamente.
- c) que esta comunidade colonial valorizava a fotografia como forma de registro e divulgação de suas atividades.
- d) que as condições econômicas e culturais dessa comunidade permitiam a execução de um registro fotográfico qualitativo que, pelo custo elevado, era privilégio das classes abastadas.

Além dessas especulações e/ou constatações sobre o sentido de realidade proposto por essa fotografia ela, certamente, pode nos informar, sem maiores dificuldades, sobre as condições materiais da paisagem registrada. Um tipo de informação que pode

ser obtida, com maior nitidez, a partir de uma série ou “coleções referentes a locais específicos, formas arquitetônicas ou tipos físicos”, quando então se torna “possível determinar os conteúdos e lê-los com clareza.” (Leite, 1993, p.40)

Assim, observando esta fotografia antiga, com o interesse orientado pelo cenário, se pode perceber que na mesma direção do prédio principal havia um prédio térreo, distante alguns metros, com uma cobertura plana, tipo zinco. Um prédio que devido a pouca altura e acabamento rústico deveria ser utilizado como galpão coberto ou depósito.

Esta imagem opera, portanto, nos dias atuais, como um demonstrativo do que havia no local onde fora edificado o sobrado: uma construção simples que, provavelmente, em função de sua posição privilegiada (próximo a estrada) e do surgimento de empreendimentos comerciais rentáveis, fora excluído para dar espaço às novas atividades: hospedaria e adega. Neste caso é a presença de um elemento enquadrado pelo ângulo fotográfico, o galpão, que atesta sobre o uso deste solo rural como um suporte atrelado ao desenvolvimento sócio-econômico da família.

Foto 5: Homens, mulheres e crianças

Cada fotografia antiga que chega até nós é resultante de algum tipo de seleção. O motivo pelo qual foram conservadas algumas fotografias e, não outras, revela tanto a importância dada por “eles na vida social cotidiana” como também pode “fornecer pistas importantes para o pesquisador entender a própria lógica interna e a trajetória de tais grupos” (SIMON, 1998, p.33). Pistas capazes de indicar sobre o que havia no passado (natureza, terreno, construções, objetos, fatos, etc.) e fora preservado como



Figura 5. Casa Comercial Gruppelli, (14cm x 20cm), 193_. Colônia Municipal, 7º Distrito. Acervo Museu Gruppelli.

digno de integrar o patrimônio, material e imaterial, a ser transmitido. Uma seleção que, sendo cultural, conjuga “idéias, atitudes, linguagens, práticas, instituições e estruturas de poder” e inclui, certamente, “toda uma gama de práticas culturais: formas, textos, cânones, arquitetura, mercadorias produzidas em massa, e assim por diante” (CARY e GROSSBERG, in: SILVA (org.), 1995, p. 14).

Assim ao olharmos a quinta fotografia, provavelmente, da década de 1930, verificamos que o lugar é apresentado como um espaço de convívio social, animado por homens, mulheres e crianças, onde a presença do transporte motorizado também é destacada.

Esta fotografia atesta que nesta época o Gruppelli era um lugar que já atuava como “ponto de encontro” de freqüentadores do armazém e restaurante, além de contar também com novos clientes: os veranistas, como eram chamados os que nos meses quentes, vinham da cidade e se instalavam na hospedaria localizada no segundo andar do sobrado, recém construído e batizado por Villa Silvana.

Esta imagem também informa que na construção deste novo prédio fora mantido o alinhamento do prédio principal, uma preocupação tipicamente urbana, em que as construções possuem, comumente, fachadas pautadas pela via pública. Uma organização que possivelmente tenha surgido, tanto em função da própria estrada existente como de expectativas articuladas pelo poder público municipal, que almejava com o desenvolvimento da Colônia Municipal transformar essa estrada em Avenida Quilombo. Tal qual constam nas referências das áreas limítrofes dos terrenos adquiridos em 1905 por Arcádio Gruppelli.

Esta fotografia pode ter sido concebida como uma propaganda das novas instalações e das condições existentes no lugar, uma forma de atrair clientes, ou como uma lembrança afetiva do cotidiano entre parentes e amigos, ou ainda, por outros motivos. De qualquer forma, esta imagem que foi produzida por um fotógrafo profissional desconhecido, cujas marcas imprecisas no canto inferior direito não permitem identificá-lo⁴, serve como uma pista do que foi preservado desse passado e

⁴ Considerando a época e o formato elíptico da marca d'água, possivelmente, esta imagem tenha sido produzida pelo fotógrafo Bruno Pruski. Conforme consta em outras fotografias do acervo da família.

transmitido a geração atual: o patrimônio material edificado e o modo de atuar sobre este patrimônio. Ou seja, o Gruppelli desde a década de 1930 tem mantido não apenas as suas formas arquitetônicas, mas o próprio modo de vida que envolve, no incessante vaivem do cotidiano, moradores, amigos, clientes e viajantes.

Assim, olhando para o passado representado nesta imagem, a partir do hoje, constata-se que nesse lugar, objetos e modos de comportamento têm sido preservados e transmitidos há várias gerações. Uma decisão econômica, mas, sobretudo, cultural que faz com que este lugar chamado Gruppelli, permaneça, desde 1905, um lugar vivo: ponto de encontro de moradores e amigos.

Essa fotografia demonstra, portanto, que, em início dos anos de 1930, o conjunto dos prédios interligados pelo vão aberto não apenas havia sido construído como já estava em franca atividade, tal qual se encontra nos dias atuais. O que a torna então, uma imagem reveladora tanto da longa existência do conjunto como do seu modo peculiar de atuação social, econômica e cultural neste lugar.

As três imagens do passado

As três imagens anteriores, fotos 3, 4 e 5, podem ainda revelar além de algumas evidências outras constatações, conforme se pode perceber no Quadro 1, a seguir, em que os elementos observados, pessoas e objetos, foram agrupados de acordo com a sua posição e função em relação aos dois prédios expostos pelas fotos, permitindo assim, uma visão comparativa do conjunto analisado.

A decomposição destas três fotografias aponta que:

- O prédio principal não apresenta, em nenhum dos três momentos, alterações significativas.
- O prédio 2 de edificação térrea, com aspecto de prédio auxiliar, fora substituído pelo sobrado, onde pessoas freqüentavam o segundo piso (pessoas na janela).
- Os prédios auxiliares, ao fundo e ao norte, não constam nas fotos 4 e 5.
- O número de pessoas varia de muito pouco a uma pequena multidão.
- Os anúncios, mesmo alterados em formato e localização, são constantes.
- Os bancos, variando em quantidade, permanecem junto à fachada principal.
- Os dois mastros constam em todas as fotografias
- As bandeiras, ainda que não identificadas, freqüentam, solenemente, a fachada.
- As árvores, variando de tipo, altura e posição, integram a paisagem do lugar.
- A cerca de bambu aparece em dois momentos distintos.
- Os meios de locomoção expostos indicam tanto o uso como a valoração.
- Os elementos móveis apontam três direções: a) o tipo de produto comercializado; b) os objetos usados na ornamentação de um evento; c) a existência de fiação aérea como índice de transmissão de energia elétrica.

Traçando um paralelo entre o que foi e o que há, pode-se afirmar que o Gruppelli tem mantido, ao longo do tempo, a sua característica essencial: um lugar em atividade constante conjugando, no mesmo espaço, comércio e residência, trabalho e lazer, parentes, amigos, vizinhos e gente de outros lugares. Um gama de condições que tem favorecido a sua permanência como referência na zona colonial.

	Foto 3	Foto 4	Foto 5
			
Prédio 1 (Principal)	Mancha na parede, (abaixo do telhado)	Pintura s/ manchas	Idem
Prédio 2		Construção térrea Cobertura tipo zinco Superfície externa escura	Construção c/ 2 pisos Cobertura c/ telha de barro Pintura clara
Outros prédios	1 – galpão (fundos) 1 – prédio auxiliar (norte)		
Pessoas	1 mulher e 1 criança (centro), 1 criança no canto direito (pernas)	Muitos homens, Algumas mulheres	Homens, Mulheres e crianças
Anúncios	1 - parede 2 - porta (armazém)	1 – parede	1 – parede 1 – porta (restaurante) 1 – parede (sobrado)
Bancos	3	1	1
Mastros	2	2	2
Bandeiras		2	2
Árvores	1 – frente (podada) 1 – atrás do prédio 1 – anterior ao prédio (sul)	1 – frente (em floração) 3 a 4 – atrás do prédio 1 1 – anterior ao prédio 1 (norte)	1 – frente (recém plantada) 1 – anterior ao prédio (norte) 2 – anterior a estrada
Cerca	De bambu - Lateral norte		De bambu - Lateral norte
Transporte	1 charrete	1 cavalo	1 cavalo 1 camionete
Mobiliário (produtos e decoração)	1 arado manual	1 carrinho de mão 2 fios com bandeirinhas Palmas decorativas (portas e janelas)	Fios, elétricos?

Quadro 1. As três imagens do passado

Fonte: organizada pela autora com base nos componentes expostos pelo cenário fotográfico.

Considerações finais

Esse texto buscou, através da observação sistemática dos elementos visuais expostos pela seqüência de três fotografias de um lugar, compreender uma gama de informações com o objetivo de traçar uma trajetória desse lugar formado, no presente, por um conjunto de dois prédios edificadas em diferentes datas. Para tal valeu-se tanto da competência dessas

fotografias como referenciais imagéticos de uma existência física, como de uma possível interpretação desse referencial exposto. Uma condição que, partindo do presente, procurou estabelecer alguns laços entre o que foi e o que há, identificando assim, um tempo histórico situado geograficamente, ou melhor, geométrico, tal qual Augé (1994, p.55) caracteriza um lugar antropológico, como o revelado pelas fotografias.

com base em três formas espaciais simples, que podem ser aplicadas a dispositivos institucionais diferentes e que constituem, de certo modo, as formas elementares do espaço social. Em termos geométricos, trata-se da linha, da intersecção das linhas e do ponto de intersecção.

Trata-se de três formas sócio-espaciais, definidas pelo próprio Augé (1994, p.55), que as três fotografias analisadas, de certa forma, apresentam: a) "itinerários, eixos ou caminhos que conduzem de um lugar a outro e foram traçados pelos homens": nesse caso, a estrada, situada frente aos prédios e que, em função do ângulo de captura das imagens, pode ser identificada como um espaço físico, fora do campo fotográfico, onde os três fotógrafos se posicionaram para captar as suas imagens; b) "cruzamentos e praças onde os homens se cruzam, se encontram e se reúnem": trata-se então, do espaço não edificado, situado entre o conjunto de prédios e a estrada que, como mostram as três imagens, sempre esteve reservado para atividades diversas; c) "centros mais ou menos monumentais, sejam eles religiosos ou políticos": uma coordenada que, nesta situação, serve apenas como uma ratificação da forma de apropriação do espaço físico, anteriormente, reservado para esse fim, em distintas épocas, tal qual aparecem nas imagens 4 e 5.

Desse modo se pode afirmar que as três imagens observadas no presente forneceram, cada uma a seu modo, alguma informação seja pela apresentação de um elemento em cena, ou pela ausência explicitada por algum componente imagético, ou ainda, pela presença quase imperceptível, de pequenos índices. Presenças, anúncios e silêncios que ao serem articulados pela leitura acabaram

revelando mais que as atividades praticadas ao longo desse tempo, a própria expressão do lugar junto a essa comunidade colonial nominada também Gruppelli.

Referências bibliográficas

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Tradução Marina Appen-Zeller. 10^a edição, São Paulo: Papirus, 2007.

ARIÈS, Philippe. *O tempo da História*. Tradução Roberto Leal Ferreira. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares*. Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. 3^a edição, Campinas, SP: Papirus, 1994. – (Coleção Travessia do Século).

LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família*. Leitura da fotografia histórica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993, (Texto e Arte, v.9)

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. In: Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p.73-98. Disponível em < <http://www.zoon.org.br/biblioteca/textos.htm> > acesso em 07-01-2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Imagem e memória*. In: SAMAIN, Etienne (org.). *O Fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 1998.

Fotografias

ANÔNIMO. Casa Comercial Gruppelli. Pelotas, 1928. 1 fot. (9cm x 14cm), P&B.

ANÔNIMO. Casa Comercial Gruppelli. Pelotas, 193_. 1 fot. (14cm x 20cm), P&B.

LANZETTA, L. Um evento, 192_. 1 fot. (27,5cm x 33cm), P&B.

VIEIRA, Margareth. Armazém e Restaurante Gruppelli. Pelotas, 2007. 1 fot., color.

_____. Museu Gruppelli. Pelotas, 2008. 1 fot., color.